

Sala VIP¹

Igor Perez²

Marcos Augusto Santos Silva³

Ulisflávio Oliveira Evangelista⁴

Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

Resumo

Este *paper* refere-se à produção documental nomeada *Sala VIP*. A produção foi realizada em 2015/2, com objetivo de explorar, de modo prático, o aporte teórico estudado nas disciplinas de Linguagem Audiovisual e Telejornalismo I. De modo mais específico, foi abordada a proposta de incursão documental no lixão da cidade de Alto Araguaia, cidade do interior do estado de Mato Grosso. O objetivo do registro foi à rotina de trabalho e a vida de quem tira o sustento da coleta de lixo, promovendo o olhar crítico e a indignação para com esta parte da população menos favorecida que é obrigada, de certa forma, a trabalhar e viver em condições desumanas. A mensagem central do documentário é transparecer a rotina das pessoas que trabalham no lixão.

Palavras-chave: Alto Araguaia; Jornalismo; Documentário, Incursão.

Introdução

A ideia de produção do documentário surgiu inicialmente através da matéria de Antropologia, ministrada pelo professor Lawremberg Advíncula da Silva, onde se trabalhou com personagens invisíveis na sociedade araguaense. Entretanto, somente após a matéria de Linguagem Audiovisual e Telejornalismo I, disciplinas ministradas pelo professor Ulisflávio Evangelista, que orienta este trabalho, a produção saiu do papel e ganhou uma metodologia: documental.

Enquanto desenvolvimento, a captação de imagens e áudio teve uma caminhada livre, exploratória, com abordagens de técnicas experimentais, dialogando principalmente com o tema proposto. Observado a enormidade de feitos na cidade de Alto Araguaia, pairou

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria DT1 – Jornalismo, modalidade Documentário jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e Televisão.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, e-mail: igorbatara11@hotmail.com;

³ Estudante do 3º semestre do curso de Jornalismo, e-mail: marcos.jornalista12@gmail.com;

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, e-mail: ulis.flavio@hotmail.com.

a dúvida: a mesma atenção que a administração da cidade está tendo com as obras no perímetro urbano, é igual ou maior para/com as pessoas desfavorecidas? Desta forma, ficou decidida por uma representação documental a dos trabalhadores do lixão. Nesse sentido, deu-se início a produção e descobrimento daquele mundo desvalido dos catadores de lixo do lixão da cidade de Alto Araguaia.

A disciplina de Linguagem Audiovisual busca um estudo sistêmico sobre a análise, produção e recepção das ferramentas que compõe a linguagem audiovisual. A ideia é explorar diferentes formatos, modelos e perspectivas, atuando em produções ficcionais e não ficcionais. É importante salientar, a referência do cinema nestes estudos. A razão se justifica, ao menos, por dois aspectos:

- a) O estudo e a prática cinematográfica sofreu grande influência da técnica fotográfica (enquanto registro) e a partir dela foi desenvolvido o cinematógrafo, aparelho capaz de registrar e projetar imagens fotográficas em movimento, na velocidade de 24 quadros ou fotos por segundo. Como ele, em 1895, os irmãos Lumière, puderam dar início às primeiras exposições, em especial, por meio dos pequenos registros fílmicos intitulados *A chegada do trem na estação* e *A saída dos funcionários da fábrica*. Nesse sentido, podemos afirmar que o seu desenvolvimento e consolidação é anterior ao desenvolvimento da televisão e a exploração do vídeo – enquanto técnica.

- b) Desta forma, é natural que seus estudos e técnicas empíricas, alcançassem e possibilitassem, com o tempo, a consolidação de uma linguagem (ainda viva e mutável) e por meio delas, o desenvolvimento e construção mais ampla do que chamamos de “teoria e crítica cinematográfica”.

Sendo assim, boa parte do arcabouço teórico oferecido pela disciplina de Linguagem Audiovisual se baseia numa estrutura mais antiga e referencial que é o cinema. Em especial, são importantes referências para a disciplina o estudo da linguagem cinematográfica (e seus diversos códigos que tentaremos explorar enquanto análise no decorrer deste *paper*) e o estudo das teorias cinematográficas (enquanto um estudo mais reflexivo na significação e interpretação dos signos empregados na construção narrativa).

Nesse sentido, surge a corrente cinematográfica documental que procura dar conta da representação mais ligada à exploração do *real*. Com essa proposta, isto é, de um recorte ou ponto de vista implícito – o documentário *Sala VIP* retrata por uma visão autoral, os personagens encontrados no lixão de Alto Araguaia. Ademais, enquanto narrativa, este produto dialoga com a corrente documental francesa – *cinéma vérité* – ou na visão teórica de Nichols (2005) uma exploração consagrada pelo modo participativo. Além do modo participativo, é possível perceber claramente o modo reflexivo no documentário *Sala VIP*.

Outro viés – igualmente pertinente – é a abordagem jornalística no campo audiovisual por meio da disciplina de Telejornalismo. Por mais que a exploração jornalística implique o preceito da imparcialidade – fugindo da proposta autoral e do modo participativo, encontrados no documentário *Sala VIP* – a disciplina procurou colaborar, por exemplo: na visão, importância, tratamento e relato dos personagens (condução das entrevistas), impacto social extremamente relevante (saúde pública, problemática do lixo e condições precárias de trabalhadores que dependem desta matéria-prima para sobrevivência), critérios de noticiabilidade (interesse *do* público pelas minorias e proximidade – lixão de Alto Araguaia), dentre outros aspectos.

Objetivo

O propósito da produção do documentário foi evidenciar a vida dos catadores de lixo que tiram a sua renda do lixão de Alto Araguaia. As condições insalubres de trabalho e a miséria de como estas pessoas vivem, demonstram o total descaso por parte do poder público e da população, que transformam esses trabalhadores em personagens invisíveis aos olhos da sociedade, e em mais um entulho descartado no próprio lixão.

Outro objetivo é fazer do documentário *Sala VIP* – enquanto uma representação documental e ao mesmo tempo jornalística – um material de denúncia. Servindo também como um exemplo do descaso por parte das autoridades públicas.

Além disso, vale destacar outro objetivo: infortúnio na exploração prática no campo audiovisual. Isso ocorre pelas péssimas condições laboratoriais encontradas na universidade – não há equipamentos de captação de imagens e áudio. Nesse sentido, de modo a driblar tamanha adversidade, sobra à vontade de explorar e vivenciar a academia, testar e

experimentalizar as ferramentas audiovisuais vistas nas disciplinas ligadas ao audiovisual e, acima de tudo, a vontade de produzir.

Justificativa

Podemos atribuir à principal justificativa na produção do *Sala VIP* ao seu conteúdo, mensagem, isto é, explicitar um problema local grave: a situação precária de sobrevivência dos catadores de lixo do lixão de Alto Araguaia.

Outra justificativa se dá pelo comportamento cego das autoridades públicas sobre questões sociais e de descaso com o ser humano. Tal cegueira, por vezes, se estende na população pela imobilidade nas ações de empatia e ajuda.

Outra justificativa diz respeito à liberdade na produção acadêmica, de modo a testar, na prática, a experiência adquirida por meio das aulas das disciplinas ligadas ao audiovisual. Soma-se a isso, a imensa vontade de ir a campo – mesmo levando em consideração a escassez de equipamentos – representar o entorno e documentar as minorias.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Esse *paper* se baseia – como já adiantado – no estudo e aplicabilidade da linguagem audiovisual e documental na produção de uma narrativa que traz, enquanto registro a representação dos catadores de lixo e sua sobrevivência através do lixão de Alto Araguaia.

Para Nichols (2005), o documentário:

Representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. (2005, p. 26).

Os documentários – de representação social – exprimem perspectivas do mundo o qual conhecemos, porém, de uma forma “didática” a nos fazer pensar e compreender sobre determinada realidade. Produções não ficcionais incitam a aceitação do mundo retratado no filme como real, e nos dão a maestria de enxergar problemáticas que exigem atenção, assim como possíveis soluções.

Segundo Nichols (2005), o documentário se baseia no mundo pelas interpretações, fazendo uma representação fidedigna do mundo, nos fazendo crer “naquilo que estava lá”. No entanto, imagens não dizem tudo o que queremos de fato saber, ou seja, o espectador é um prisioneiro da visão do diretor, além do mais, a imagem pode ser alterada tanto durante, quanto após o fato.

Ao contrário dos roteiros ficcionais, onde o diretor estabelece uma relação contratual com o papel tradicional do ator, nas produções não ficcionais as pessoas envolvidas assumem o papel de ator social. O valor destas personagens não se refere ao contratual, mas sim na espontaneidade da própria vida. Sendo assim, nas vezes em que o diretor exige alguma cena, este fere a atmosfera da autenticidade da vida real da personagem.

Questões éticas também circundam as produções não-ficcionais, pois a partir do momento que se utiliza uma personagem que retratará sua própria vida, sem criar uma persona teatral, recai diferentes responsabilidades sobre os diretores. Sendo assim, é sabido que preceitos éticos minimizam os efeitos prejudiciais nas pessoas envolvidas em produções documentais, e evitam deturpar questões básicas de direção.

O documentário *Sala VIP* dialoga com a antropologia e o modo participativo citado por Nichols, ou “cinema-verdade” por Dziga Vertov, no qual o documentarista participa ativamente da vida do outro, habitua-se no ambiente inserido e reflete sobre a experiência. Este modo participativo exalta a importância da persuasão, fazendo com que o documentarista transpareça como é estar em determinadas situações e como elas se alteram.

Nesta produção, o engajamento ativo propiciou que a sensação e as dificuldades de um catador de lixo pudessem ser sentidas tanto no cansaço físico, quanto no emocional, onde me inteirei do mar das dificuldades de quem trabalha em péssimas condições, do preconceito exercido ativamente e passivamente pela sociedade e das esperanças revividas dia após dia.

A entrevista formal do cineasta com as personagens, também foi usada no documentário. Ela permite que o tema abordado possa dialogar com público em vez dos comentários com *voz-over*. A entrevista também foi usada para juntar diferentes relatos numa única narrativa, onde, por vezes, a voz do cineasta serviu para tecer um raciocínio e sustentar as falas das personagens.

A produção do documentário *Sala VIP* teve como referência as três etapas propostas por Kellison (2007): pré-produção, produção e pós-produção.

Pré-Produção

É a fase de planejamento e pesquisa. Itens como locações, personagens, equipamentos são fundamentais nesta fase. O roteiro é o principal produto desta fase.

A especificidade do roteiro no que respeita a outros tipos de escrita é a referência diferenciada a códigos distintos que, no produto final, comunicarão a mensagem de maneira simultânea ou alternada. Neste aspecto tem pontos em comum com a escrita dramática – que também combina códigos –, uma vez que não alcança sua plena funcionalidade até ter sido representado. A representação do roteiro, no entanto, será perdurável, em função da tecnologia da gravação. (COMPARATO, 2000, p. 19).

Para Doc Comparato (2000) roteiro é definido como a forma escrita de qualquer projeto audiovisual. Syd Field (1982) traduz como uma história contada em imagens, diálogo e descrição, dentro do contexto de uma estrutura dramática.

O roteiro é como um *substantivo* – é sobre uma *pessoa*, ou pessoas, num *lugar*, ou lugares, vivendo uma *coisa*. Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação. Se roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem [...] Esta estrutura linear básica é *forma* do roteiro; ela sustenta todos os elementos do enredo no lugar. (FIELD, 1982, p. 02).

É importante salientar, no produto documental, a escrita do roteiro não é estanque. Justamente pela capacidade viva e mutável dos seus personagens e das situações representadas.

Produção

Na produção, o objetivo maior, pode ser resumido como a captação de áudio e/ou vídeo. No entanto, para isso, é importante levar em consideração diversos processos inerentes à captação. Podemos destacar, no campo visual: a iluminação, o uso dos planos e enquadramentos, movimentos de câmera e angulação, dentre outros detalhes fundamentais.

A iluminação é uma ferramenta essencial para o vídeo. O uso da luz cria a atmosfera, o tom, a dimensão e a textura do programa. Ela pode transmitir uma trama, enfatizar elementos-chave, como a cor do cenário ou tom da pele e sinalizar as diferenças entre comédia e drama, realidade e fantasia. (KELLISON, 2007, p. 198).

Existe uma variedade de refletores e diferentes intensidades que refletem diretamente no aspecto dramático da cena. Podemos destacar, de modo primário, três fontes de luz: Luz chave (luz principal), Luz de compensação (atenuar sombras) e contra-luz (luz de efeito).

Os planos influenciam diretamente do modo como a narrativa é contada. É o recorte que o diretor tem a sua disposição para representar a cena.

O conceito primário de enquadramento de uma cena envolve filmar uma imagem (em geral, uma pessoa ou um objeto) de um tamanho específico no quadro, assim como elementos que estiverem a sua volta ou que a afetarem. Um primeiríssimo plano próximo de um rosto transmite um tipo de mensagem narrativa, ao passo que um plano geral da mesma pessoa conta uma história diferente. (KELLISON, 2007, p. 194).

Outro modo igualmente eficaz na narrativa é a utilização dos movimentos de câmera e a angulação. Os movimentos proporcionam dinamismo ao vídeo. O movimento de câmera Panorâmica são semelhantes. Ambos ficam presos ao tripé. Na panorâmica o movimento é horizontal, enquanto o Tilt é vertical. O travelling procura acompanhar uma ação, um movimento que ocorre no cenário. A câmera fica presa em uma base, que por sua vez, é fixa em um trilho que é usado para percorrer e realizar o movimento. Já a angulação diz respeito ao posicionamento da câmera. Ela pode captar imagens de cima para baixo (plongée) que permite uma interpretação de inferioridade; de baixo para cima (contra plongée) passa a ideia de superioridade ou de um ângulo médio que remete ao equilíbrio e equidade.

O áudio também é fundamental na produção. A captação do áudio é feita pelo microfone. Há grande variedade de microfones. A característica mais importante é o gráfico polar, isto é, a zona de captação de áudio. Somado ao microfone, pode-se destacar ainda, a locução, trilha sonora e efeitos sonoros.

A locução, nada mais é que do que o áudio obtido da voz humana. Quando lemos um roteiro ao microfone teremos uma locução. O tipo de leitura, a impostação, o ritmo, a

cadência, tudo isso pode influenciar o tipo de locução. A trilha sonora, isto é, aquela música – geralmente instrumental – que fica em BG na locução. A trilha costuma dar ritmo e cadência, suas batidas são preponderantes na montagem ou edição de imagens.

Pós-Produção

Aqui, o objetivo central se dá pela organização do material captado. Kellison explica o que é edição:

Em essência, tomadas e cenas adquirem significados específicos quando são conectadas com outras tomadas formando uma sequência com sentido. É essa conexão que chamamos de edição. A edição pode manipular o tempo, criar situações de drama, tensão, ação ou comédia. Sem a edição, você só teria peças desconexas de uma ideia flutuando isoladamente em busca de uma conexão (KELLISON, 2007, p. 233).

Existem dois tipos de edição. A edição linear e a edição não linear. A primeira é feita em máquinas, que é mais antiga, analógica. A segunda rompe com a construção da edição linear. O processo é feito em computadores com auxílio de softwares específicos (podemos destacar o Adobe Premiere Pro, o Final Cut e o próprio Movie Maker), portanto, digital. A metodologia do trabalho inicia com a captura dos arquivos para o computador. Depois é necessário conhecer e selecionar o material que será usado, essa fase é chamada de decupagem. Depois inicia a primeira edição, também conhecida como “esqueleto” do projeto. Depois disso, são acrescentados detalhes como: imagens de insert, equalização dos áudios, videografismos etc. Depois de concluída a edição é necessária exportar o material para o HD do computador já escolhendo o formato final do arquivo.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Para a gravação, foi utilizada uma câmera Nikon D3100, assim como tripé e estabilizador de imagem. As locações para gravação do documentário foi, além do próprio lixão de Alto Araguaia, a residência dos personagens.

O vídeo procurou evidenciar a difícil vida das pessoas que dependem financeiramente da coleta de lixo. A captação das imagens, em sua maioria, foi com a câmera no estabilizador para que a cena se permanecesse estática, fazendo com que os

elementos do cenário, assim como os personagens, dialogassem com o público. É possível ver uma conversação dos planos. Mesmo havendo uma supremacia de planos médios, mesclar planos detalhes, contra-plongé e plongé, grandes planos gerais e planos sequências, exprime uma ambientação e proximidade da dura realidade dos trabalhadores para com quem está assistindo.

Na montagem do vídeo, a transição das cenas foi realizada por fades, sugerindo sensação de esperança e compaixão nas falas das personagens. A trilha sonora do vídeo foi escolhida predominantemente o *rap*, estilo musical marginalizado que faz um contraponto com o tema do documentário.



Frames do documentário *Sala VIP*

FICHA TÉCNICA

Roteiro: Igor Perez

Edição: Igor Perez e Ulisflávio Evangelista

Cinegrafista: Marcos Augusto Santos Silva

Duração: 12min45seg

Orientador: Ulisflávio Oliveira Evangelista

Disciplina: TELEJORNALISMO I

CONSIDERAÇÕES

Sendo a primeira produção de caráter documental, o resultado foi plenamente satisfatório. Na produção do vídeo *Sala VIP*, pudemos desenvolver no campo prático – mesmo com limitações técnicas e operacionais – ferramentas vistas na disciplina de Telejornalismo I.

Certamente existem detalhes a serem melhorados. No entanto, o grupo ficou satisfeito e otimista com o resultado e realizado com o contato prático da produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREW, Dudley. **As Principais Teorias do Cinema**. Rio de Janeiro: Zahar 1989.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Campus 2003.

KELLISON, Cathrine. **Produção e Direção para TV e Vídeo: Uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense 2007.

WATTS, Harris. **On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990.